



Pedro Martins Borges

DF-Brasília
042
Reportagem 0011

O tino para os negócios facilitou a vida na cidade

Arquivo pessoal



O MOVIMENTO DA CIDADE LIVRE CONTAGIOU PEDRO, QUE DECIDIU TENTAR A VIDA EM BRASÍLIA

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Taguatinga

No primeiro ano de vida em Brasília, Borges ficou instalado em um barraco de madeira no final da Avenida Central da Cidade Livre, com outros sete motoristas de caminhão. Embora o clima de camaradagem no Planalto Central fosse uma constante, o mineiro não achou fácil fazer amigos de verdade. De todas as pessoas com as quais conviveu, recorda-se de dois que se tornaram companheiros — os baianos Pedro Daniel e Ismael.

Em 1960, com a necessidade de trazer a esposa, Ana Marlene Oliveira Borges, de Anápolis para cá, decidiu procurar uma moradia onde pudesse abrigá-la. Escolheu Taguatinga. “A Cidade Livre era muito bagunçada para viver em família, e no Plano Piloto os terrenos eram muito caros”, afirma.

Taguatinga estava se formando, com poucas casas, todas de madeira, e algumas ruas abertas. Na entrada da cidade, recorda de um barracão e um boteco onde se vendia comida. O lote escolhido para construir sua primeira moradia no Distrito Federal ficava numa rua onde, tempos depois, seria formada a Avenida Comercial Norte.

No terreno de 400 metros quadrados, adquirido junto à Novacap, construiu um barraco de madeira de 18 metros quadrados. O valor do lote era 24 mil

O mineiro Pedro Martins Borges estava presente na ocasião em que o presidente Juscelino Kubitschek foi indagado por Antônio Soares Neto — o Toniquinho — sobre a inauguração da capital da República no Planalto Central. O fato aconteceu em 1958, durante um pronunciamento de JK, em Jataí (GO). A resposta do presidente foi suficiente para entusiasmar o mineiro e tantos outros ali presentes a participarem da mudança, que representaria o desenvolvimento do interior do país.

Na época, Borges era dono de um armazém na pequena cidade goiana, onde vendia ferragens e artigos para fazendeiros. A passagem de JK por sua cidade despertou-lhe o interesse de conhecer a região onde estava sendo construída a futura capital federal. A visita aconteceu em setembro de 1958.

O movimento de pessoas na Cidade Livre, ponto de chegada da maioria dos candangos, era impressionante. “Parecia um formigueiro de gente andando de um lado para outro”, conta. “Mesmo embaixo de chuva e com lama sobre as canelas, os forasteiros transitavam pelas ruas da cidade, dia e noite”, completa. Alguns dias imerso no clima que tomava conta da cons-

trução da cidade foram suficientes para convencer Borges a embrenhar-se na aventura de se juntar aos primeiros trabalhadores da nova capital.

Na volta para Jataí, o mineiro estava decidido a partir novamente para o Planalto Central, desta vez, munido de algo que pudesse se transformar em negócio. Acompanhado do primo, Nivaldo Pelegrino, a bordo de um caminhão carregado de madeira, Borges partiu, nos últimos dias de 1958, pela segunda vez, em direção a Brasília.

A viagem demorou três dias e o caminhão teve problemas por causa de um trecho de 300 quilômetros de terra. A chegada à Cidade Livre, no primeiro dia de 1959, daria início a um ano cheio de novidades. Nos primeiros 15

dias do mês, não parou de chover na região da nova capital. O clima, entretanto, não diminuía em nada o ritmo de trabalho das pessoas que aqui estavam.

A madeira transportada na viagem rapidamente foi vendida e em pouco tempo Borges descobriu uma forma de ganhar dinheiro na futura Brasília: vendendo areia para as construtoras da cidade. O lugar de retirada do material ficava próximo à Cidade Livre. A procura era incrível, de modo que, nos 30 dias seguintes, o mineiro não fez outra coisa. A estadia em Brasília, entretanto, ainda não seria definitiva.

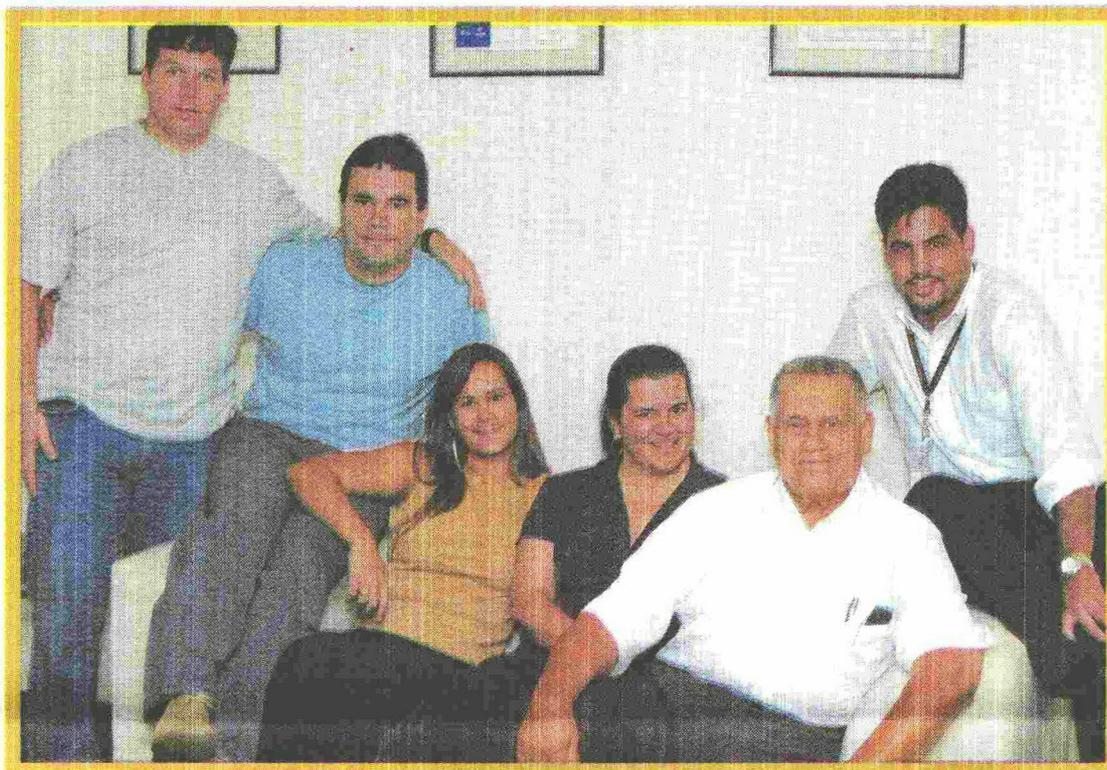
Passado um mês, o mineiro retornou a Jataí. No caminho, vendeu o caminhão em Anápolis (GO) e adquiriu um modelo melhor. Com o novo meio de trans-

porte, mais potente, foi ao Mato Grosso fazer um carregamento de arroz. No retorno para Brasília, vendeu o produto em Anápolis.

De volta ao Planalto Central, o comércio de areia continuava sendo a opção mais fácil e lucrativa para o forasteiro. Além disso, a sorte começava a soprar para seu lado. Nas ruas da Cidade Livre, Borges se deparou com um amigo, Lincoln Romano, que estava trabalhando nas construções da nova capital justamente com o comércio de areia. Borges ganhava então o primeiro cliente fixo. Depois de 30 dias, a mina da Cidade Livre já não era mais a única fonte de material, que passou a ser coletado em outras cidades próximas, como Alexânia e na região do salto do Corumbá.

O pioneiro veio conhecer o local onde estava sendo construída a nova capital, ficou contagiado com o espírito dos trabalhadores e decidiu participar da aventura

PEDRO, A ESPOSA, NEUZA, E OS FILHOS, QUASE TODOS NASCIDOS NA CIDADE



cruzeiros, que foram parcelados em 12 vezes. “Eu tinha fé que Taguatinga ia crescer se tornar o que é hoje”, revela.

O comércio continuou sendo a fonte de renda da família. E não faltava cliente para a compra do produto. “Às vezes, estávamos sem dinheiro nem para comprar comida e alguém de repente aparecia interessado em quatro caminhões de areia”, diz. “E tudo era pago à vista”, completa. Os compradores iam a Taguatinga procurar os carregadores de areia porque já sabiam da existência de trabalhadores como Borges por lá.

Uma venda como a citada pelo mineiro era suficiente para abastecer a família durante um mês. Ainda sem filhos, a esposa de Borges também aprendeu a dirigir o caminhão e passou a acompanhá-lo até as minas de areia para ajudá-lo no serviço. A primeira filha do casal, Simone, nasceu em Anápolis em meados de 1960.

Melhorias

No ano seguinte, outra coincidência o aproximou de Alcir Mender, um amigo que tinha contrato de venda de areia para a Novacap, que lhe ofereceu o melhor negócio até então na capital federal, que já estava inaugurada. A cada 15 dias, Mendes compraria toda areia carregada de Corumbá por Borges à vista. O material foi usado na construção da Barragem do Paranoá.

Nas viagens que fazia para levar a areia até a obra, o mineiro recorda-se de ter duvidado que o Lago atingiria o nível a que chegou. “Vi uns engenheiros marcando uma área no início do La-

go Sul, próximo ao balão do aeroporto, que era o caminho que eu usava, e parei para ver o que faziam”, conta. “Quando eles me disseram que ali era até onde o Lago chegaria, não acreditei porque estava muito longe do pequeno córrego que conhecíamos e daria origem àquilo”, conclui.

Dois anos mais tarde, os recursos economizados com a venda de areia possibilitaram ao mineiro melhorar as condições de moradia. Ao lado do barraco de madeira, construiu mais 36 metros quadrados de alvenaria. Taguatinga já tinha outro aspecto, e crescia de forma avassaladora, após a chegada dos moradores da extinta invasão do IAPI, que ficava perto da Cidade Livre. A rua onde morava já havia se transformado na Avenida Comercial Norte.

O comércio de areia continuou até 1965. Em 1966, o material foi trocado por grama. Antes disso, entretanto, Borges já havia formalizado sua atividade no Distrito Federal, criando a empresa Borges Amazilis Ltda., especializada na abertura de valetas para o Departamento de Água e Esgoto (DAE). “Achei que seria um bom negócio porque

não havia muita gente fazendo aquilo”, afirma.

Depois de algum tempo, a mesma sensibilidade para os negócios fez com que mudasse de atividade novamente, montando a Empreiteira Auxiliar de Obras (Empal). Com a Empal, Borges candidatou-se ao plantio de grama na nova capital para a Novacap e ao serviço de limpeza profissional em órgãos públicos, como o extinto Hospital do IAPI, primeiro contrato fechado pela empresa.

A grama era colhida em Cristalina (GO) ou Paracatu (MG) e plantada em diversos lugares do Distrito Federal, como as áreas verdes do Eixão Norte, as descidas dos viadutos próximos à Catedral e a urbanização da Estrada Parque de Taguatinga (EPTG). A cada concorrência, os contratos ficavam maiores, fazendo com que os trabalhos exigissem até cem trabalhadores.

Na década de 70, a Empal passou a concorrer em licitações para administração de obras. “Via os editais nos jornais e decidia me candidatar”, conta. A iniciativa deu tão certo que, por volta de 1978, a Empal chegou a trabalhar com 3,8 mil funcionários e qua-

tro engenheiros responsáveis. Entre as principais obras concluídas, Borges destaca a construção de 15 casas HP3 na W3 Sul, o hotel Planalto e o hospital São Mateus, no Espírito Santo.

O crescimento exagerado da empresa assustou o comerciante, e em 1979, Borges vendeu a empresa com 25 contratos fechados. “Queria voltar a ter contratos menores”, justifica.

Nesta época, o mineiro e a família já não viviam em Taguatinga. Sua primeira casa continuava em sua propriedade, mas a família mudou-se para uma casa na 706 Sul, em 1977. “Minha filha estudava no Elefante Branco, que era um dos melhores colégios da cidade, e era muito desgastante o trajeto de Taguatinga até lá”, afirma. O terreno em Taguatinga terminou sendo vendido para as lojas Nacional Modas e Brasília Esportes, em 1980.

No mesmo ano da venda do terreno, Borges abriu a Reman, para trabalhar novamente com serviço de limpeza e administração de obras. A empresa familiar começou com 18 funcionários e hoje emprega 2 mil pessoas.

“ PARECIA UM FORMIGUEIRO DE GENTE ANDANDO DE UM LADO PARA OUTRO. MESMO EMBAIXO DE CHUVA E COM LAMA SOBRE AS CANELAS, OS FORASTEIROS TRANSITAVAM PELAS RUAS DA CIDADE, DIA E NOITE ”

Raio X

Nome: Pedro Martins Borges
Idade: 76 anos
Origem: Araguari, Minas Gerais
Profissão: Empresário
Ano de chegada a Brasília: 1959
Esposa: Neuza Borges
Filhos: Simone, Marcelo, Teldo, Núbia Adriana e Paulo Adriano